

TRAIÇÃO E LOUCURA NA FAMÍLIA IMPERIAL BRASILEIRA

BETRAYAL AND MADNESS IN THE BRAZILIAN IMPERIAL FAMILY

PRIORE, Mary del. **O príncipe maldito**: traição e loucura na família imperial. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 311p.

Francisco das Chagas Silva Souza⁹⁶

Novamente a historiadora Mary Del Priore nos presenteia com uma obra de grande relevância histórica: **O príncipe maldito**. Embasada em acurada pesquisa bibliográfica e em acervos do século XIX, guardados no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a autora descortina um dos mais importantes momentos da nossa história política: o contexto em que se debate a sucessão do imperador D. Pedro II e se articula a Proclamação da República.

Como em um romance, Del Priore, em estilo narrativo, descreve paisagens e personalidades políticas brasileiras e européias. Sentimentos, pensamentos, falas e gestos não faltam na sua obra. Seus oito capítulos são ricos em detalhes sobre a vida cotidiana da nobreza brasileira, os seus sonhos, festas, transgressões, pecados da carne. Porém, sem os exageros, sarcasmos ou caricaturas tão ao gosto de algumas mini-séries ou produções cinematográficas.

Comprovando a impressão de que vivemos num país sem memória, a obra revela a vida de um personagem obscuro nos nossos livros: o príncipe

⁹⁶ Licenciado em História (UFPB), doutor em Educação (UFRN) e professor do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Mossoró. Líder do Grupo de Estudos "Educação e Complexidade" (GEEDUC). E-mail: chagas.souza@ifrn.edu.br

Pedro de Alcântara Augusto Luís Maria Miguel Rafael Gonzaga de Bragança Saxe e Coburgo, filho primogênito da princesa Leopoldina de Bragança – segunda filha do imperador D. Pedro II – e de Luís Augusto de Saxe-Coburgo, Duque de Saxe.

Pedro Augusto, nascido em 1866, residia, na Áustria, com os pais e irmãos, quando ocorreu a morte prematura da sua mãe, aos 23 anos. Aos 6 anos de idade, juntamente com o seu irmão Augusto, de 5 anos, foi trazido para o Brasil pelos avós maternos. Era preciso moldar aquele que, possivelmente, seria o futuro sucessor do trono, o D. Pedro III, caso fosse comprovada a esterilidade da princesa Isabel.

O sonho foi alimentado pela criança que já sentia, no convívio escolar, a deferência com que era tratado pelos professores e colegas. Poucos anos depois, essa aspiração caía como um castelo de cartas: Dona Isabel, a Princesa Imperial, a primeira na linha de sucessão, dava à luz a Pedro de Alcântara, príncipe do Grão-Pará, o qual, dado um problema físico, passou a ser chamado pejorativamente de “mão-seca” e “maneta”. O nascimento do primo esvaeceu as pretensões de Pedro Augusto que, a partir disso, começou a nutrir pelos tios e primo um sentimento de inveja e desprezo, surgindo os primeiros sintomas de uma doença que iria se manifestar com mais força, anos mais tarde: a depressão.

Todavia, o jovem não abandonou seus planos e passou a aproximar-se cada vez mais do avô, buscando neste um apoio futuro. Viveria, aliás, em função disto. Tornou-se o neto favorito e impressionava o velho imperador, reconhecidamente intelectual, dedicando-se ostensivamente aos estudos, formando-se engenheiro e especializando-se em mineralogia. Para se proteger, mentia, ostentava-se e agradava a todos com presentes caros. Tornou-se um *dândi*: não suportava ser normal, trivial. Conspirava contra os tios e primos, fazendo alianças com setores de oposição à tia, inclusive com os republicanos. Abriu mão de casamentos que lhe forçariam ao exílio. A vida amorosa ficaria em segundo plano e esperaria até que tivesse a coroa na cabeça. Em visita à Europa, foi recebido pela mais alta nobreza, inclusive pela rainha Vitória.

Assegurava, assim, apoios externos para o momento em que se tornaria imperador. E no Brasil? Qual a probabilidade de conseguir apoios quando chegasse essa hora tão almejada?

O Império brasileiro encontrava-se dividido e o ambiente era-lhe favorável. Alguns fatores pesavam contra a princesa Isabel. Seu gênero e sua “beatice” punham em risco o futuro da nação. Como confiar numa imperatriz carola num mundo cada vez mais laico? Ela submeteria o Estado à Igreja, pensavam os intelectuais positivistas. As regências que assumira enquanto os pais viajavam já não tinham dado mostras da sua incompetência para assumir o cargo? Por outro lado, os republicanos do Treze de Maio, antimonarquistas por vingança, atribuíam a crise dos cafeicultores após a abolição da escravatura sem indenizações à incompetência da regente. Por que entregar o país a uma mulher que, submissa, iria ser marionete nas mãos do esposo Gaston de Orleães, o Conde D’Eu? Este, aliás, detestado, acumulava as alcunhas de “francês”, “surdo”, “carola”, “corticeiro” e “agiota”. Parecia que o reinado de Isabel “não era deste mundo”, como lucidamente avaliou o senador baiano José Antônio Saraiva (p.170).

Destarte, a subida de D. Pedro Augusto ao trono apresentava-se para os “pedristas” como uma alternativa para manter a ordem. Mas o que fazer? Os tios e o “mão seca” eram entraves que precisavam ser superados. Rasgariam a Constituição? Os sucessores legais do trono abdicariam? Não era o que parecia!

Monarquistas e republicanos estavam divididos. Entre os primeiros, uns defendiam a legalidade com um Terceiro Reinado nas mãos de Isabel I. Outros apostavam na competência de um sucessor varão, instruído, laico, liberal, moderno. Os republicanos, embasados nos princípios de Augusto Comte, também divergiam entre si: os mais radicais apresentavam como saída uma mudança rápida de regime político; outros procuravam temporizar, aproximando-se do Partido Liberal e de D. Pedro Augusto, fortalecendo neste, o sonho de se tornar imperador-presidente, algo esdrúxulo na política, mas que poderia resolver o impasse. Turbilhão de idéias, hipocrisias, conchavos,

traições. O destino da família real selou-se em 15 de novembro de 1889. Um golpe militar colocava fim na monarquia e proclamava a República, evento a que o povo assistiu bestializado, como comentou o jornalista Aristides Lobo.

A obra de Del Priore evidencia a insegurança e os paradoxos do republicanismo no Brasil. Basta lembrar a aproximação de futuros heróis republicanos como Quintino Bocayuva, do pretense D. Pedro III, ou ainda a justificativa do marechal Deodoro da Fonseca ao imperador, antes amigo e interlocutor: “o culpado de tudo era o conde D’Eu, o opressor do Exército” (p.235). Pode-se ver, portanto, que ressentimentos, disputas pelo poder e preconceitos agiram com mais força para uns do que as ideologias.

A proclamação da República e as suas conseqüências para a família real são, de forma primorosa, narrados e analisados por Mary Del Priore. Com a inspiração de uma romancista, a autora torna a agonizante monarquia brasileira um capítulo de suspense e emoção, momento em que tradições, projetos e sonhos são desfeitos ao passo que outros são construídos. Os climas de suspense, tensão e traição descritos pela autora causam-nos comoção. Como num final de novela, revelações, discórdias, lágrimas, lamentos, revoltas, abandono e ansiedade emergem no interior de um palácio agora transformado em prisão para a realeza.

É impossível não sentir dó dos membros dessa família: do velho imperador debilitado pela diabetes, da imperatriz Tereza Cristina e da filha em prantos, de Pedro Augusto, que agora – mais do que nunca – sente-se órfão da mãe, dos parentes próximos, dos antigos acólitos. Como não convinhem mais a discricção e o medo de escândalos, o avô e a tia o acusavam de cúmplice dos republicanos.

Todos lhe viraram às costas, concluía o príncipe que, doravante, teria os seus problemas de saúde agravados. Cada vez mais eram freqüentes os “acessos” de uma doença diagnosticada por Freud como uma “profunda depressão e infelicidade” (p.275). Aliás, é importante ressaltar que as primeiras páginas do livro narram uma dessas crises do príncipe quando partia para o exílio na Europa. Os recursos utilizados pela autora prendem a atenção do

leitor: em fundo preto com grandes letras brancas, sem nomear o personagem, Del Priore fala em lágrimas, soluços, delírios, salivas, suores, odores fétidos. Impossível não se impressionar com o sofrimento de um belo rapaz loiro, alto, de cabelos anelados e olhos azuis “como bolas de gude”.

Os fatos que seguem são também emocionantes: a morte dos imperadores no exílio, os conflitos no interior da família e o agravamento da doença de Pedro Augusto. Restavam a este apenas o sofrimento, a melancolia, o abandono e a espera da morte, a qual procurou abreviar com uma tentativa de suicídio. Morreu pobre e esquecido em um manicômio, na Áustria, em 1934.

Além do estilo e da elegância com que tratou um dos momentos importantes da história brasileira, Del Priore também está de parabéns pela escolha do título desse livro. O que fora, senão maldito, o jovem príncipe D. Pedro Augusto? Fora um menino-homem, vivendo em meio à austeridade dos adultos. Tivera uma “meninice abafada, tristonha, só. Sem doces, sem muitos brinquedos.” (p.68). Os pecados da vaidade, da inveja e do orgulho fizeram-no traído, condenado, amaldiçoado, execrado. Duvidaram da sua virilidade, acusaram-no de misoginia, chamaram-no de louco. Perdera tudo e todos.

A obra de Mary Del Priore é encantadora. Agrada desde aqueles que amam a arte de Clio, àqueles que privilegiam os romances. Com arte e emoção, a autora reconstrói e faz-nos deleitar com a história de um país real, numa época distante, em que, diferente dos contos de fada, os príncipes não são encantados, as princesas não são belas nem adormecidas, os heróis são construídos e as intrigas se entremeavam com as valsas nos salões. Mostra-nos que o futuro não está dado e encontra-se aberto...

O *Príncipe Maldito* pode ser considerado um exemplo das revisões no campo da historiografia brasileira a partir da década de 80, do século XX. Representa uma despreocupação com a verdade inquestionável, com a neutralidade e a objetividade no conhecimento. É nesse contexto que, temas como a história da vida privada, do cotidiano e das mentalidades entram em cena. No livro aqui resenhado, Del Priore nos ensina como fazer uma biografia

sem cair na mera cronologia ou numa história linear, factual, enfadonha e caricata. Não se preocupou em escrever uma novela com final feliz, mas uma obra aos que desejam conhecer mais sobre a condição humana, a política e as relações de gênero no Brasil na segunda metade do século XIX.